

O PAPEL DA PSICOLOGIA FRENTE A HUMANIZAÇÃO NO CONTEXTO HOSPITALAR

Djefernan Camilli Justen Coletti
Andre Marcos Spiecker Gasparin

Resumo

A Psicologia da Saúde, em relação à atuação do psicólogo no ambiente hospitalar, visa à compreensão dos aspectos psíquicos e psicossociais do ser humano para a melhoria da assistência integral, tornando a relação profissional-paciente-ambiente, humanizado (Calvetti et.al., 2008).

Estar em um ambiente hospitalar nos confronta com as partes mais difíceis da vida: vemos de perto a fragilidade humana, o sofrimento e as emoções intensas que surgem nessas situações. É um lugar onde, muitas vezes, a dor ultrapassa o corpo e afeta de forma significativa a mente, revelando vulnerabilidades e, em certos momentos, a desumanização com as pessoas.

Desumanizar um paciente significa tratar a pessoa como se fosse apenas um número ou uma doença, sem considerar suas necessidades, emoções e direitos como ser humano. Já humanizar é justamente o oposto: é respeitar e valorizar o paciente como indivíduo, reconhecendo sua dignidade e proporcionando um atendimento mais empático e acolhedor. De acordo com Pereira (2019), a Política Nacional de Humanização (PNH) tem como objetivo promover o respeito e a valorização tanto dos pacientes quanto dos profissionais e gestores envolvidos no cuidado à saúde.

Humanizar é incentivar que cada pessoa tenha maior autonomia e capacidade para transformar a realidade ao seu redor. Isso é feito por meio da responsabilidade compartilhada, da criação de vínculos de apoio mútuo e da participação coletiva nos processos de gestão e de cuidado. Em outras palavras, humanizar é incluir todos os envolvidos no ambiente de saúde, permitindo que se sintam ouvidos, compreendidos e parte de um esforço conjunto, fortalecendo a confiança e o bem-estar na busca por um cuidado mais humano e transformador.

A presença de um profissional da psicologia no contexto hospitalar por si só transforma-o em um lugar humanizado. Oferecer ao paciente uma escuta acolhedora e respeitosa num momento de fragilidade, percebendo-o de forma completa e tentando compreender suas emoções, é essencial. Além disso, dar ao paciente o direito de aceitar ou recusar esse atendimento é fundamental para preservar o pouco de autonomia que ainda lhe resta durante a internação. O trabalho da psicologia é o único no hospital que o paciente pode escolher não receber, o que reforça a importância do respeito à sua vontade (Brandão, 2000).

Falar sobre acolhimento e humanização vai muito além de como as pessoas são recebidas no ambiente hospitalar ou das atitudes que, como parte da equipe, achamos acolhedoras. O ato de acolher envolve, fundamentalmente, a criação de encontros e relações significativas. Trata-se de oferecer uma atenção cuidadosa ao momento oportuno dos encontros, aos ritmos e fluxos dos afetos, às necessidades envolvidas, ao contexto em que se inserem, às técnicas de comunicação empregadas e aos modos de vida que se cruzam, que, por vezes, entram em confronto (Lukachaki et.al., 2020).

Desse modo, também utilizamos outras estratégias que se configuram como acolhedoras, como atender o paciente em outro lugar que não o leito. Além de fortalecer o sigilo, uma vez que os quartos do hospital são coletivos, retirar o paciente do ambiente estéril, asséptico e padronizado do leito e da enfermaria e levá-lo para um ambiente mais familiar, ameniza

a angústia envolvida no processo de hospitalização, pois aproxima, na medida do possível, o paciente a aspectos do seu cotidiano humano.

Tal abordagem, assim como o trabalho de ouvir quem aquele paciente é e o que ele tem a dizer, ameniza a estranheza da hospitalização e da estigmatização por diagnósticos, e coloca o paciente enquanto sujeito em cena, possibilitando a aproximação entre ele e a equipe, gerando o fortalecimento de vínculo entre eles.

A humanização no trabalho psicológico hospitalar vai além dos atendimentos diretos aos pacientes. Durante a experiência enquanto estagiária em um hospital geral, ficou evidente a importância da psicologia em todos os setores, especialmente no Pronto Socorro, onde é frequente o atendimento de pessoas em crises de ansiedade e pânico. Além dos atendimentos clínicos, o trabalho psicológico também contribui para orientar pacientes e familiares sobre os procedimentos e encaminhamentos médicos, oferecendo suporte e informações a fim de facilitar o processo.

Situações básicas como identificar os pacientes em observação, perguntar aos acompanhantes se já se alimentaram, estar atento a sala de espera, são detalhes importantes, é estar presente e fazer além do que julgamos ser nossa competência. Em uma experiência vivida, presenciei uma mãe que havia entrado para avaliação médica e o pai estava com as duas filhas na sala de espera, uma chorava muito solicitando a mãe, tamanho desespero que o pai não conseguia acalmar. Eu me dirigi até a sala de espera e ao conversar com as meninas, ofereci desenhos para colorir e uma caixa recheada de lápis de cor e por um momento aquele pai sentiu-se aliviado.

Falar em acolhimento e humanização não significa que a terapia é capaz de resolver tudo, mas sim que expressar empatia e cuidado também fora do contexto terapêutico é essencial. Esse cuidado faz diferença não só para os pacientes, mas também para seus familiares, que compartilham dessa experiência, muitas vezes dolorosa, do lado de fora.

A humanização na atuação do psicólogo hospitalar é uma prática essencial para tornar o atendimento mais acolhedor e empático, contribuindo para uma assistência integral e respeitosa. A importância da humanização

está em tratar cada pessoa como um ser integral, reconhecendo suas emoções, angústias e necessidades, e proporcionando um espaço onde se sintam respeitadas e valorizadas. Gestos simples, como oferecer uma escuta atenta ou buscar alternativas para minimizar a angústia dos pacientes, são essenciais para promover um ambiente acolhedor e seguro. Essa abordagem não se restringe ao leito do paciente, mas permeia todo o ambiente hospitalar, desde a sala de espera até a interação com familiares, ampliando o conceito de cuidado e transformando o hospital em um espaço mais humano e menos impessoal.

Assim, a psicologia hospitalar humanizada não é apenas sobre aliviar sintomas, mas sim sobre possibilitar uma vivência mais digna e respeitosa, auxiliando o paciente e sua família a enfrentarem o processo de hospitalização com maior suporte e conforto. A criação de vínculos e a valorização da autonomia do paciente reforçam a missão do psicólogo hospitalar em promover o bem-estar e a dignidade de todos que convivem nesse ambiente tão desafiador.

Brandão, L. M. (2000). *Psicologia Hospitalar: uma abordagem holística e fenomenológico-existencial*. Campinas: Livro Pleno.

CALVETT, Prisca Ücker; SILVA, Leonardo Machado da; GAUER, Gabriel José Chittó. *Psicologia da saúde e criança hospitalizada*. *Psic, São Paulo*, v. 9, n. 2, p. 229-234, dez. 2008. Disponível em <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1676-73142008000200011&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em 05 nov. 2024.

PEREIRA, Raoni Paiva. *Política Nacional de Humanização (PNH) aplicada aos serviços hospitalares: revisão de literatura e análise das estratégias utilizadas para efetivação da humanização nos hospitais vinculados ao Sistema Único de Saúde (SUS) com ênfase na atuação de Grupos de Trabalho em Humanização (GTHs)*. 2019. 98f. Dissertação (Mestrado Profissional em Gestão e Inovação em Saúde) - Centro de Ciências da Saúde, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2019.

SCORSOLINI, Fabio Comin; VILELA, Laura Souza; SANTOS, Manoel Antônio dos. Tornar-se psicólogo: experiência de estágio de Psico-oncologia em equipe multiprofissional de saúde. Rev. bras. orientac. prof, São Paulo , v. 9, n. 2, p. 113-125, dez. 2008 . Disponível em <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1679-33902008000200010&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em 05 nov. 2024.

djeficamilli@gmail.com

andre.m@unoesc.edu.br